

Padres e artesãos: narradores itinerantes*

Antonio Torres Montenegro**

PARA MUITOS DE NÓS, quando fazemos referência ao termo narrador, rememoramos Walter Benjamin e suas “Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Será a partir deste estudo que construiremos esse percurso, visitando narradores que, em tempos múltiplos e sobre temas diversos, exerceram, à sua maneira, a arte de narrar, ou seja, “a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1985, p. 198).

Para Benjamin, haveria dois modelos básicos ou, por que não dizer, arcaicos do narrador: “o camponês sedentário e o marinheiro comerciante” (Ibid., p. 199). Esses dois modelos estariam encarnados no próprio Leskov, exemplo maior de narrador. No entanto, a arte de narrar, que, de alguma maneira, mostra-se como “uma forma artesanal de comunicação” (Ibid., p. 205), estaria em extinção. E o sinal maior desse processo seria a “difusão do romance, que só se torna possível com a invenção da imprensa” (Ibid., p. 201). O sinal fundamental dessa perda do caráter narrador, que se revelaria tanto no romance como na própria imprensa, é que estes nem “procedem da tradição oral nem a alimentam”. Nesse sentido, ainda, a própria imprensa, voltada predominantemente para a transmissão de informações, seria em si incapaz de alargar essa forma de comunicação de saberes, uma das dimensões fundadoras do narrador.

* Trabalho apresentado no IV Encontro de História Oral da Regional Centro-Oeste, realizado em Brasília/DF, em abril de 2001.

** Professor do Departamento de História da UFPE.

Na época atual, início de um novo milênio, podemos pensar que essa prática estaria ainda mais limitada, sobretudo em razão do domínio que a televisão alcançou, aprisionando a atenção das pessoas, das famílias, dos grupos, horas e horas todos os dias, cerceando a conversa, o ouvir histórias, o contar ‘causos’. Entretanto, é possível visitar outras veredas que revelam como, apesar da força das influências mais gerais, há sempre diferentes trilhas sendo construídas. Assim, podemos descobrir práticas que vão sendo recriadas, reinventadas, nos interstícios de um tempo em que o sonho e a utopia, enquanto projeção de diferentes futuros, parecem ter perdido sua força.

Caminhando na senda do intercambiar experiências, uma das características do narrador que elegemos para iniciar esta reflexão, escolhi como contraponto um pequeno trecho da entrevista com o engenheiro Antonio Bezerra Baltar¹. No final de sua entrevista de história de vida, rememora um fortuito encontro que teve com um companheiro de prisão muitos anos depois daquele episódio. Na época em que esteve preso – 1964 –, acusado de comunista, ele e este companheiro compartilharam uma mesma cela.

O engenheiro Antonio Baltar, professor universitário, exilado em 1965, posteriormente convidado para trabalhar na CEPAL, conclui sua história de vida com um relato ouvido no meio da rua, de um sapateiro remendão. Este fato, por si, projeta um cenário de muitos significados. Destacar-se-ia inicialmente que o final de uma entrevista tem sido, para muitos entrevistados, o lugar em que muitas vezes procuram fundar um significado síntese para o relato que estão a concluir. Entretanto, não buscou Baltar nos livros que escreveu, nos doutores que conheceu, nos muitos países em que viveu, a imagem, a conversa ou o provérbio que pudessem ensinar uma conclusão síntese de sua história. Nenhum destes lhe ensinou mais que o artesão sapateiro.

Mas há uma outra dimensão importantíssima fundada nesse encontro entre o engenheiro e o sapateiro, a qual remete àquilo que Benjamin denomina de relação ingênua entre o narrador e o ouvinte,

¹ Antonio Bezerra Baltar foi um dos professores entrevistados em 1994 para o projeto de comemoração do centenário da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco. Sua entrevista de história de vida encontra-se publicada em Montenegro, 1995.

em que este é dominado pelo interesse em conservar o que foi narrado (Benjamin, 1985, p. 210). O engenheiro se mostrará um ouvinte exemplar, pois será essa sua capacidade que mais tarde o tornará um narrador especial.

Como característica muito própria dos narradores, ao relatar a memória que a experiência da prisão deixou ao sapateiro, não se furta a oferecer uma descrição das circunstâncias em que ouviu essa história (Ibid., p. 205). Ou seja, num fortuito encontro no meio da rua. O registro da descrição do lugar nos remete a algo extremamente comum. Entretanto, o aspecto incomum que se destaca é aquela experiência, construída numa situação de extremo perigo, ser transmitida em um local completamente desprovido dos elementos para recepção de algo tão precioso.

Enquanto afirma Benjamim que “a arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (Ibid., p. 201), o relato em tela projeta-se na direção contrária a essa avaliação, ou seja, aponta a insistência desta em perpetuar-se.

Observa Baltar que, no casual encontro com o sapateiro companheiro de prisão, este lhe descreveu o que ocorreu quando passou a ser interrogado por um coronel:

“O coronel perguntou a ele: – Seu fulano, o senhor gosta muito de cinema? Ele disse: – Doutor coronel, sou um sapateiro remendão, tenho seis filhos, o dinheiro só dá para comprar a comida dos meninos. Não vou a cinema, não. O Coronel afirma: – Mas o senhor é do Partido Comunista. Ele disse: – Olhe, já ouvi falar nesse negócio de comunista, mas não sei direito o que é. Aí o coronel tirou da gaveta uma fotografia do Cinema Elite, de Campo Grande², uma homenagem a Luís Carlos Prestes. Fotografia da fachada. Carlos Prestes no meio, à esquerda, o quarto sujeito era ele. Não havia dúvida nenhuma. Aí ele apontou para a fotografia e disse: – Coronel, Virge Maria, que homem parecido comigo!” (Montenegro, 1995, p. 62-3).

² Campo Grande: bairro de Recife que na década de 1960 era bastante habitado por comerciários e funcionários públicos.

Nesse momento, a dimensão épica da vida revela-se com uma força estonteante. O homem iletrado enfrenta o coronel, evocando a dimensão transcendente que se encontra na base de qualquer registro. A foto que lhe é apresentada, incriminando-o, não é ele, parece-se com ele. Sem dúvida, qualquer foto será sempre registro de algo, e não o próprio ser ou objeto. Dessa forma, o sapateiro artesão, além dos compromissos políticos, pelos quais era incriminado, assume o lugar do intelectual tão detalhadamente analisado por Hobsbawm e Joan W. Scott em “Sapateiros Politizados” (Hobsbawm, 1987, p. 169). Um exercício de questionamento da razão de ser de qualquer registro, ou representação, como o fez René Magritte ao pintar um cachimbo e escrever abaixo: “Isto não é um cachimbo”³, o sapateiro inscreveu na sua foto: “Este não sou eu”. Afinal, qualquer registro não é o próprio ser, a própria coisa e, nesse sentido, o argumento do sapateiro remendão diante da foto, como Magritte ao pintar o cachimbo, tem como raiz a semelhança, o parecer, mas manterá sempre uma distância ôptica. E, outra vez, a face do narrador revela-se, pois aquele acontecimento fugaz foi transformado em narrativa.

O sapateiro remendão, da mesma forma que trabalha artesanalmente o couro, é também um artesão da vida transformando a sua e a de outros num produto sólido, útil e único (Benjamin, 1985, p. 221). Como artífice da palavra, e com a habilidade de quem vive a contrapelo, recorrerá à ironia; a partir desse tropo linguístico, de quem se sabe em constante perigo, negará qualquer conhecimento acerca desse “negócio de comunismo”, mesmo admitindo ter ouvido falar no assunto. Esperava o coronel, em razão desta resposta e de posse da foto comprometedor, deixar sem ação, desmascarado, humilhado, aquele simples artesão. Mas, a sabedoria de quem se sabe no fio da navalha terá na ironia novamente o caminho para suplantar a adversidade. Revisitará a simbologia sagrada na expressão do “Virge Maria que homem parecido comigo!”, como se a imagem da santa pudesse defendê-lo do perigo comunista. E, nesse instante, o coronel, não tendo argumentos para enfrentar o Hércules da palavra, apelará para a força, mas mesmo

³ Foucault (1989) escreve um trabalho de reflexão a partir desse quadro de Magritte, analisando as múltiplas leituras possíveis da relação entre a imagem e linguagem.

nesse instante, não obterá êxito: “O coronel quis me dar uma porrada, mas eu me afastei a tempo” (Montenegro, 1995, p. 63).

O sol esfriou

Um outro relato de artesão que destacamos para analisar, extraímos-lo do filme/documentário *Cabra Marcado para Morrer*, dirigido por Eduardo Coutinho. Entre as diversas pessoas que o diretor entrevista, na tentativa de reconstruir a memória de João Pedro, líder das Ligas Camponesas de Sapé, na Paraíba, assassinado em 1962, encontra-se um companheiro de trabalho numa pedreira, chamado Manoel Serafim. Em 1961, João Pedro mudou-se da Paraíba para Pernambuco, e foi trabalhar numa pedreira na cidade de Escada. O curto período em que trabalharam juntos na pedreira, nunca mais foi esquecido pelo amigo de trabalho. No entanto, se numa passagem do filme Manoel Serafim faz uma descrição física detalhada do amigo assassinado, surpreendente será a narrativa de memória que reconstrói do dia em que tomou conhecimento de que o amigo fora morto.

Como um artista da pedra que é, Manoel Serafim transforma a informação em narrativa. O artesão narrador, na maestria do seu fazer, desenha em palavras, inicialmente, como foi informado da história do assassinato do amigo João Pedro: “Por volta de oito horas, mais ou menos, estavam vendendo a Folha do Povo com toda a notícia, com toda a reportagem dele, o pessoal tudo comprando...” Reconstrói através da memória, “a mais épica de todas as faculdades” (Benjamin, 1985, p. 210), a hora aproximada em que a notícia começou a ser divulgada. Como todo acontecimento marcante, este momento adquire um sinal do tempo – por volta de oito horas.

O conteúdo da notícia é sintetizado em poucas palavras: “Rapaz, mataram o Presidente da Liga Camponesa da Paraíba”. O recriar da memória do amigo assassinado, projeta-o numa dimensão maior do que a que realmente estava registrada no jornal. João Pedro era líder da Liga Camponesa de Sapé – estampava o jornal em letras garrafais –, cidade do interior da Paraíba. Entretanto, há de se considerar que a repercussão política do seu assassinato tornava-o a pessoa mais importante da Liga Camponesa da Paraíba. A releitura do acontecimento por Manoel Serafim traz embutida a amplitude que a notícia adquire na

época e como é interiorizada por ele. Afinal, o assassinato de João Pedro foi publicado na imprensa, em diversos estados, percebia o amigo, ao afirmar: “E aquele nome surgia assim numa notícia, como se fosse uma grande pessoa.” O assassinato, a notícia, o nome no jornal, a foto, tudo tornava o ex-artesão da pedra e líder da Liga Camponesa de Sapé uma “pessoa importante”. Mas, se a narrativa de Manoel Serafim extrapola os limites da informação positiva, documental, mais uma razão para reconhecer nele as virtudes do narrador, como observa Benjamim:

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.”

O narrador em foco mostra-se, dessa forma, um artesão extremamente arguto, cuidadoso, minucioso no seu trabalho de transformar a pedra/informação, redescrivendo o cenário da notícia daquele acontecimento trágico. Entretanto, uma maior força de sua arte revelar-se-á no momento em que passa a reconstruir o sentimento vivido, em razão da dor provocada pela perda do amigo. Foram, então, suas palavras:

“Eh, a gente sentimos uma tristeza assim. Houve isso, parece que o sol esfriou assim, não quis sair do lugar, e foi aquela serenidade fria, assim aquela tristeza arrancando assim, aquela vida, com aquela saudade. Porque existe saudade sem alegria, aquela saudade com tristeza. E todo mundo sentiu...”

A forma como Manoel Serafim transforma a memória da sua tristeza numa metáfora que esfria e paralisa o próprio sol, remete-nos a Valéry, citado por Benjamim:

“A observação do artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdem os seus nomes: sombras e claridades formam sistemas e problemas particulares que não dependem de nenhuma ciência, que não

aludem a nenhuma prática, mas que recebem toda a sua existência e todo o seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo, e para as produzir” (1998, p. 220).

Em seu texto, Benjamim refere-se à tríade alma, olho e mão operando num mesmo processo, próprio dos artesãos mas que estaria, mais uma vez, irremediavelmente perdido. Ora, todos aqueles que assistiram ao filme percebem como Manoel Serafim fala com as mãos. Como a mão e o seu falar instituem a própria expressão do seu ser.

O espírito da palavra

Através do projeto Guerreiros do Além-Mar⁴ realizamos entrevistas de história de vida com diversos padres holandeses, franceses, italianos e belgas, que imigraram para o Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Seleccionamos algumas passagens entre os relatos deles com a perspectiva de analisar a forma como narram suas memórias orais de vida.

O Padre Jaime De Boer, de origem holandesa, ao chegar ao Brasil no final da década de 1960, é enviado para Xiquexique. Podemos imaginar o enorme choque cultural que foi, para ele, sair da Europa para viver numa pequena cidade no sertão da Bahia. Em 1998, ao entrevistá-lo trinta anos após a experiência de Xiquexique, ele resumiu com as seguintes palavras aquele período de vida: “O tempo que morei no interior em Xiquexique foi o período mais rico da minha vida. Nunca queria repetir, nunca queria repetir. Mas depois sempre reconheci que foi uma experiência de vida incrível” (Entrevista com Padre Jaime Le Boyer, ago/set. 1997). Embora tenha vivido em Xiquexique o período mais rico da sua vida, uma experiência que considera incrível, não gostaria de repeti-la. Poderíamos, talvez, buscar em algumas passagens da sua história de vida nessa cidade do sertão da Bahia as razões

⁴ Este projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq tinha como um dos seus objetivos entrevistar padres que imigraram para o nordeste do Brasil entre o final da década de 1950 e 1960.

que o fazem reconhecer a importância desse período da sua vida e, ao mesmo tempo, a dificuldade em voltar a repeti-las.

À medida que reconstrói estas memórias, relembra momentos, fatos que revelam a intensidade com que essas experiências foram vividas. Ao mesmo tempo, é reveladora a maneira como as transforma em linguagem oral. Observa-se no relato de Jaime, como no de outros padres, uma forte presença de um descrever explicativo, cuja característica dominante é o inusitado, o surpreendente, o incomum da experiência vivenciada. O tropo lingüístico que predomina é a metonímia, bastante distinta do narrar popular em que um tom épico está constantemente presente, realçado pelo uso de metáforas e ironias.

Por outro lado, algumas vezes observa-se que esses padres, visitantes de antigas marcas, criam em seus relatos uma série de quadros representativos do passado como memória, estabelecendo uma proximidade com o que Benjamim vem a denominar de cronistas (Benjamin, 1985, p. 209). Entretanto, embora se diferenciem dos narradores populares, os Padres estudados – como outras categorias de intelectuais – revelam um exercício de reconstrução descritiva do passado recomposto. Nesse aspecto, seus relatos de memórias orais apontam ainda para o exercício de reviver experiências/acontecimentos/fatos, possibilitando ao ouvinte transportar-se para o cenário/contexto reinventado. No entanto, essa forma de reconstrução da memória oral não significa que num mesmo relato não venham a aparecer passagens em que predominem apenas juízos de valor ou avaliações generalizantes. Uma prática em que o ouvinte é, de certo modo, impedido de conhecer maiores detalhes do tema ou assunto abordado.

Nesses relatos, a tônica dominante da forma de contar é um exercício de avaliação constante do passado revisitado em que ao ouvinte é dada apenas a possibilidade de antever uma teia de redes valorativas. Percebe-se uma constante distância em que é colocado o ouvinte em relação a detalhes ou outros aspectos do que está sendo descrito.

Na história de vida de Padre Jaime, entre as muitas experiências narradas, destacamos, para analisar, uma *desobriga*⁵ que realizou no sertão da Bahia, em conjunto com um padre italiano.

⁵ As desobrigas (hoje quase em desuso) eram as visitas que os missionários faziam, em princípio a cada ano, aos locais mais remotos do sertão, levando os sacramentos às populações que não dispunham de assistência religiosa regular, devido

Os padres missionários, quando chegavam às vilas, lugarejos distantes, para os trabalhos da desobriga, eram hospedados na casa dos moradores, num quarto reservado especialmente para eles. Em geral, a hospedagem ocorria na melhor casa do local. Descreve então Jaime que, numa noite, ao chegar a uma pequena comunidade no sertão, na véspera da festa de São Francisco, hospedou-se numa casa em que teve que passar a noite inteira de pé. Havia tantos piolhos que ele e o padre que o acompanhava não conseguiram deitar-se. Ao mesmo tempo, não poderiam mudar-se, pois seria desmoralizar o dono da casa. A uma determinada hora, apareceram ratos descendo do telhado. Passaram, então, com a luz de uma pilha, a espantá-los, fazendo com que voltassem para o telhado.

Este relato projeta a vivência da pobreza a que estes padres eram submetidos em seu trabalho missionário que aponta uma prática cultural de respeito às diferenças. Entretanto, o próprio padre italiano que o acompanhava não suportou a situação e decidiu ir dormir no jipe que estava estacionado em frente à casa. Jaime, nesse momento, exigiu dele que retornasse ao quarto antes do amanhecer, de forma que as pessoas da casa não vissem que dormira fora. Observa, então, Jaime em relação a essa situação: “Não sei, não entendo como o povo conseguia viver com tanto piolho, mas também não podia perguntar. Pela manhã, ao cumprimentar os donos da casa, dizíamos que tínhamos dormido muito bem” (Entrevista citada).

Esse relato recupera a força e a provação por que passavam muitos daqueles que realizavam trabalhos missionários de desobriga. Mesmo sendo filho de pescador na Holanda e tendo passado muitas situações difíceis na época da segunda guerra mundial, como relata em sua história de vida, guardará como marca indelével em sua memória de Xiquexique essa noite em que esteve cercado por piolhos e ratos.

As desobrigas pelo interior do Brasil constituíam-se em verdadeiras cruzadas e tinham um papel civilizador. Os padres criavam com

ao próprio isolamento em que viviam ou à ausência de padre na região. O nome “desobriga” refere-se ao antigo preceito da Igreja de que o católico é obrigado, ao menos uma vez por ano, a confessar-se e comungar. Nas desobrigas, além de celebrar missa, o padre fazia confissões, batizados e casamentos em grande quantidade. (Escribano, 2000, p. 18; esta definição da desobriga foi escrita pelo tradutor do livro, como nota de pé de página).

essas populações vínculos espirituais, estabelecendo relações de compromisso entre a Igreja e comunidades, que muitas vezes não as tinham em relação ao Estado.

Uma outra memória refere-se às pessoas que viviam caminhando pelo sertão e, por essa razão, eram chamadas de “no meio do caminho”. Relata Jaime que este “era o nome que se dava a quem não tinha onde morar e vivia andando”. Muitas pessoas como estas eram recebidas na casa dos padres, como também por outros moradores da cidade: davam-lhes comida, descanso e, depois, elas seguiam viagem. Recorda, então, que um dia chegou uma senhora, que, depois de tomar banho, alimentar-se e dormir, foi permanecendo em sua casa. Confessou-lhe inclusive, que carregava um cordão de São Francisco com dinheiro dentro, para, ao morrer, não precisar ficar à custa de ninguém. Depois de uns dias, declarou que tinha decidido morar naquela casa. Ao ouvir aquilo, Jaime e seu colega ficaram sem saber como reagir. Depois de pensarem, disseram à senhora: “Olhe, nós gostaríamos muito que a senhora continuasse morando aqui, conosco, poderíamos aprender muito, mas acontece que, ainda na semana passada, recebemos uma carta do Papa proibindo mulher de morar em casa de padre”. Ela saiu sem problema, relata ele, “continuou andando de novo, e vimos que o Papa ainda servia para alguma coisa” (Entrevista citada).

Este fragmento de memória revela um sinal de uma prática comum entre setores pobres da sociedade. As pessoas “no meio do caminho”, ao morrerem, não deixam marcas. Apenas sinais nas memórias dos seus contemporâneos. Dessa forma, com o tempo e as mudanças nas práticas sociais, vão sendo completamente esquecidas.

Uma outra dimensão que este relato sugere é quanto à rede de solidariedade que se forma em relação a estes amplos segmentos dos despossuídos. Observa-se como há toda uma prática social instituída, no entanto com limites bastante definidos. A senhora que declina intenções de transformar a passagem pela casa dos padres em permanência está rompendo com um pacto. Pois mesmo esta casa situa-se como mais um lugar nesse conjunto amplo de práticas sociais.

Esse relato remete ainda à história de pessoas que vivem aparentemente fora das redes de famílias e de outros grupos sociais. Um último aspecto a destacar na história dessa senhora é a preocupação que demonstra com a morte, ou mais propriamente, com a forma como seria

sepultada. Embora caminhe só pelas estradas, não deseja uma morte de indigente. Essa possível contradição de alguém que vive como indigente mas deseja morrer como pessoa, surpreende Jaime e concorre para que este acontecimento, entre os inúmeros vividos em Xiquexique, torne-se uma memória recorrente desse período.

Registra Benjamim, citando Pascal, que “ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscências, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro” (Benjamin, 1985, p. 212). Mas, nesse caso, essa senhora teve um herdeiro que possibilita sabermos um minúsculo fragmento da sua existência e do seu sonho de morrer como pessoa. No cinto de São Francisco guardava o que lhe garantiria, no momento final da vida, alcançar uma condição que, para alcançá-la, precisou lutar toda uma vida.

Um outro relato de memória oral que privilegiamos do Projeto Guerreiros do Além-Mar foi o do bispo Dom Xavier Gilles de Maupeou⁶. Este chegou a São Luís no início de 1963 e, muito cedo, aceitou o desafio de trabalhar numa paróquia do interior. Em 1971, quando trabalhava juntamente com o Padre José Antonio na paróquia de Urbano Santos e São Benedito do Rio Preto, distantes 250 km de São Luís, ambos foram presos e acusados de comunistas. Após um mês de prisão, teve, em seguida, que enfrentar um processo na Justiça Militar. A polícia federal arrolou uma série de testemunhas para deporem acusando D. Xavier. Recorda que entre essas testemunhas encontrava-se um lavrador, muito amigo, e isto lhe causou enorme tristeza.

Antes do julgamento, este lavrador foi interrogado pela polícia federal e, ao final, assinou um documento que corresponderia as suas declarações. Mas deveria ainda, no dia do julgamento, vir depor. Narra o bispo que, dois dias antes da data do julgamento, o “lavrador estava no interior sem nenhum dinheiro para vir a São Luís. Onde morava, não passava ônibus, as estradas não eram asfaltadas, eram cheias de buracos e, em razão das chuvas, praticamente intransitáveis. Tomou, então, o burro que tinha e viajou 70 km até chegar a um local onde passava o ônibus, vindo de Brejo e de Chapadinha em direção a São Luís.” Chegando a esse local, como não tinha dinheiro para o ônibus,

⁶ Xavier Gilles de Maupeou não era bispo à época.

dirigiu-se a uma casa próxima e explicou ao morador: “Preciso viajar para testemunhar no processo do padre, mas não tenho dinheiro para pegar o ônibus. Tu me empresta o dinheiro, e eu deixo meu jumento como garantia. Ele vale mais que a passagem. Na volta, se não te pagar, você fica com o jumento.” Consegui, então, o dinheiro da passagem, tomou o ônibus e, ao chegar a São Luís, reuniu-se com o restante de um grupo que também ia ao julgamento.

Toda a luta desse trabalhador por se fazer presente ao julgamento do padre já conteria elementos suficientes para pensar que estamos diante de um relato único, miraculoso, extraordinário. Afinal, sua ausência estaria plenamente justificada diante da Justiça. No entanto, Xavier, após o julgamento, ao tomar conhecimento de todas as adversidades enfrentadas por esse trabalhador para se fazer presente ao seu julgamento, reconheceu que estava diante de uma “história incomum”. O olhar eclesiástico era surpreendido por uma solidariedade sem limites. Praticamente, o único bem de que era possuidor esse agricultor – um jumento – era dado como penhora de uma passagem de ônibus, para completar a viagem a São Luís, após percorrer 70 km no lombo do jumento. Além de surpreendente, essa história não traz nenhuma explicação ou impõe qualquer contexto psicológico. Todos estão livres para construir sua própria explicação para esse relato, e daí decorre, em parte, sua amplitude. (Benjamin, 1985, p. 203) Talvez, por esse seu caráter, Xavier a tenha incluído como uma das experiências relatadas que constituem sua história de vida.

Ainda no relato do seu julgamento, observa Xavier que, durante a sessão do júri, em determinado momento foi lido o depoimento que esse trabalhador assinara quando fora interrogado pela polícia federal. Quando terminaram a leitura, ele afirmou: – Eu não disse isso que foi lido, não. Então retrucaram: “Mas o senhor assinou.” Ele respondeu: “Doutor, nunca podia pensar que uma pessoa me fizesse assinar um papel, quando disse o contrário, porque eu não disse isso que leram, não! Eu falei, o pessoal bateu numa máquina, não me deixaram ler, e depois pediram para eu assinar, mas não disse isso, não.” Em um outro momento do julgamento, perguntaram a este trabalhador: “O que os padres diziam sobre Mao Tsé Tung?” Ele respondeu: “O quê? Mao Tsé?” Ele, então, disse: “Doutor me desculpe, não tem essa planta aqui na nossa terra.”

Praticamente passaram-se trinta anos do episódio desse julgamento e, ao rememorar-lo, Xavier relata uma experiência de vida incomensurável, vivenciada em um momento de grande perigo. Não é apenas sua própria experiência que está relatada, mas a de outrem.

Xavier recorda ainda um outro depoimento do cidadão que o denunciou à polícia: “Este participava de todas as reuniões que promovíamos, das missas e, no seu depoimento, inicia afirmando que éramos comunistas e pregávamos contra o país. O presidente do Júri então perguntou: O que é que diziam nas pregações? Ele respondeu: – Ah! Eles diziam ‘amai-vos uns aos outros’. E não pôde completar sua fala, porque o público deu uma enorme gargalhada, e o presidente do Júri, irritado, mandou que ele se retirasse.” (Entrevista com Dom Xavier Gilles de Maupeou, fev. 1998).

Ouvir os relatos desses padres nos faz pensar que eles, como marinheiros, vieram do além-mar e fincaram suas raízes no meio dos segmentos populares. Trouxeram consigo uma missão: ensinar às camadas populares que “os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente” (Geertz, 1989, p. 120). Mas esses homens que se apresentam marcados de sabedorias eternas souberam também se colocar no lugar de aprendizes, e como artesãos ir moldando suas vidas, as lições extraídas na convivência com o povo. E voltemos a Benjamin em *Experiência e Pobreza* para descobrirmos o quanto esses Padres, homens doutos, tiveram que se desfazer, por um momento, das suas verdades celestiais apriorísticas para aprender. Através de conversas, de situações vividas, e de desafios cotidianos foram tecendo histórias suas e de outros que se constituem como que em anéis que vão sendo transmitidas a todos os que se dispõem a ouvi-los.

Concordamos com a análise de Benjamim (1985, p. 115), quando aponta “o surgimento de uma nova forma de miséria, com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”, ou, ainda, quando indaga “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais a vincula a nós?”, pois através de uma análise histórica rigorosa, lança diante de nós os perigos para vida humana do

domínio radical da modernidade. A pobreza da experiência daí decorrente produziria uma nova barbárie. Mas, os “bárbaros” seriam impelidos “para a frente, a começar de novo, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa. Queriam uma prancheta: foram construtores” (Benjamin, 1985, p. 116). Esses Padres, talvez metaforicamente possam ser comparados aos bárbaros imaginados por Benjamin, nesse trabalho de se descobrirem parceiros desses vastos segmentos de atores sociais dominados pelas carências as mais diversas. Nos interstícios das práticas cotidianas, reiventaram junto a homens e mulheres estratégias e táticas renovadas, construindo ainda, diante de todo o perigo, uma história a contrapelo.

Narradores na história

Todos os relatos privilegiados para análise nesse artigo remetem às práticas microssociais vivenciadas por diversos atores. Esses atores anônimos adquirem visibilidade através de narrativas que descrevem, com uma diversificada riqueza de detalhes, experiências cotidianas, que comumente se perdem nos desvãos da história.

Mas, além de trazer à tona o lado submerso do iceberg, para usar uma metáfora de Paul Veyne, o trabalho do historiador, com os relatos individuais de atores sociais anônimos, remete aos novos desafios que têm sido palco constante nas discussões da micro-história.

Vários aspectos se projetam nesse debate, como, por exemplo, a questão da relação entre “a experiência singular e a ação coletiva” (Revel, 1998, p. 11). Um trabalho de reflexão e elaboração do historiador no sentido de, ao construir essa relação complexa entre os níveis, macro e micro, não se deixar seduzir pela reificação do individual ou do acontecimento excepcional. Ao mesmo tempo, a construção histórica realizada a partir da perspectiva individual exige que se contemple um conjunto de elementos díspares e contraditórios articulado à ordem explicativa muitas vezes homogeneizadora e totalizante da perspectiva macro-histórica. Nesse sentido, o relato do sapateiro remendão quando interrogado pelo coronel e mesmo o do padre Xavier durante seu julgamento, ao reconstruir a atuação de um agricultor diante do promotor,

expressam iniciativas sociais forjadas por um fazer popular que transcende as estratégias de resistência de grupos organizados e de partidos. Constroem um outro campo de ruptura em relação às práticas institucionalizadas pelo regime militar instalado em 1964 – como nos casos analisados nesse artigo.

As narrativas desses agentes sociais interrompem a lógica dos fenômenos englobantes que imporiam um sentido homogeneizante ao comportamento dos grupos e dos indivíduos. Por outro lado, somos desafiados “a levar a sério migalhas de informações e a tentar compreender de que maneira esse detalhe individual, aqueles retalhos de experiências dão acesso a lógicas sociais e simbólicas que são as lógicas do grupo, ou mesmo de conjuntos muito maiores” (Revel, 1998, p. 13). Nesse cenário teórico é que situamos a memória do amigo morto reconstruída por Manoel Serafim. Este institui outra forma de recepção à notícia da violenta repressão ao movimento social rural, materializado no assassinato do líder camponês. Afinal, toda a reportagem no jornal, em lugar de produzir em Manoel Serafim uma representação de medo ou mesmo de comisseração pelo infortúnio de que foi alvo o amigo e líder, se transmuda em admiração por se saber próximo de alguém que aparecia no jornal como se fosse “uma grande pessoa”. E a dor da perda se materializa em imaginação poética capaz de “esfriar o sol”.

As viagens de desobriga que Jaime, assim como outros padres, revelam em suas memórias, foram uma prática muito comum durante um certo período, como ação missionária da Igreja Católica. Entretanto, passar das diretrizes mais gerais dessa prática, definida nos documentos oficiais, para o plano das descrições individuais, possibilita romper com um certo tipo de análise em que predomina “um contexto unificado, homogêneo, dentro do qual e em função do qual os atores determinam suas escolhas” (Ibid., p. 27). Assim, não se está propondo desconhecer os parâmetros gerais que buscam estabelecer os regimes das práticas sociais. Mas, o que se está criticando é construir a história como resultante ou dedução lógica de referenciais gerais. Esses relatos de fragmentos de memória permitem inverter essa ordem ou procedimento habitual do historiador, procurando “constituir a pluralidade dos contextos que são necessários à compreensão dos comportamentos observados”. Dessa maneira, a análise desses fragmentos singulares possibilita instituir outra forma de compreensão, desafiando as construções

históricas pelos níveis de complexidade e de negociação que são requeridos através das estratégias e táticas apresentadas nos mais variados contextos.

Referências bibliográficas

- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas; Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- ESCRIBANO, Francesco. *Descalço sobre a terra vermelha*. Campinas, Editora da Unicamp, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- MONTENEGRO, Antonio T. et al. *Engenheiros do Tempo; Memórias da Escola de Engenharia de Pernambuco*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1995.
- REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas; A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. 1998.

RESUMO: As reflexões desenvolvidas neste trabalho partem da problemática que a questão do narrador suscita. Tendo como referência alguns relatos orais de memória, construímos uma trilha de exploração, revisitando diferentes marcas em tempos diversos. No entanto, além desse caminho exploratório, guardamos uma preocupação constante com o ofício do historiador enquanto aquele que, em seu trabalho de pesquisa, colhe narrativas e é também desafiado por estas ao relatar histórias no exercício da sua própria escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Fontes Oraís; Narrador

PRIESTS AND CRAFTSMEN: ITINERANT NARRATORS

ABSTRACT: The reflections developed in this work arise from the problem of the narrator in History. Using as a reference several oral testimonies based on memory we have constructed an investigative path which re-visits different marks in differing points of time. While following this investigative path we have remained constantly preoccupied with the role of the historians who in the exercise of his craft collects these kinds of narratives and is challenged by them to construct histories in the exercise of his own writing.

KEYWORDS: Memory; Oral source; Narrator